

PONTO DE VISTA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTE:
UM PONTO DE VISTA**

Jorge Both¹

João Fernando Christofoletti²

Resumo: *O presente estudo vem trazer a tona à questão abordada por vários autores, onde eles colocam em xeque a relação professor-aluno e a forma que é praticado o esporte na escola. Partindo disso, o artigo vem comentar alguns elementos que se ligam ao esporte como: Rendimento, Saúde, Lazer e Educação, para depois, discutir qual é o papel do esporte desejado na Educação Física Escolar e como as transformações abordadas por RAMALHO (2000) vem conseguindo o distanciamento da “tendência esportiva” citada por BRACHT (1989). Este escrito se define por uma linha de pensamento onde se deve trabalhar de forma distinta o esporte na escola, separando o esporte na aula de educação física e na escola, tendo assim uma aula que respeita o aluno e que vise a educação e um treinamento esportivo que vise o desenvolvimento do aluno, que respeite suas limitações. Contrariando o que os planos e projetos esportivos pregam sobre o esporte na escola, que é à busca do atleta de rendimento através das aulas de Educação Física.*

Unitermos: *Educação Física; Esporte; Escola.*

1. Introdução

“...o jogo não foi inventado pelo homem para produzir atletas ou heróis, mas cidadãos felizes”.

(Silvino Santin, 1994)

Em um artigo publicado no final dos anos oitenta, Valter BRACHT (1989) discutia o fato da Educação Física, enquanto

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física – UNIOESTE.

² Professor Assistente do Curso de Educação Física – UNIOESTE.

componente escolar, ter incorporado no período pós-guerra, não apenas elementos relacionados as muitas formas de manifestação e ao caráter lúdico da atividade esportiva, mas também os códigos e normas das instituições que organizavam e regimentavam o esporte. Ou seja, esse autor chamava a atenção para o fato do esporte, ao invés de participar do universo escolar como um conteúdo da Educação Física, adequado à realidade, aos objetivos e propósitos de tal instituição, ele ocorria na escola com a mesma estrutura (ou a mais próxima possível) e com os mesmos padrões com que é praticado e realizado enquanto a prática corporal institucionalizada manifesta nos torneios e campeonatos realizados num padrão de alto nível. O esporte acontecia (e ainda acontece) na escola da mesma forma que nos campos, pistas e quadras de qualquer lugar, sem ser um esporte próprio da ou para a escola. Isso fez, da escola, a base da pirâmide esportiva, confundindo (ou fundindo) a Educação Física e o esporte como se fossem a mesma coisa, desconsiderando as diferenças existentes, como o aspecto educacional presente em um ou a predominância da exigência de altos índices de performance por parte do outro. O aluno é assumido como atleta e o professor como treinador, eliminando o próprio conceito de professor.

Nos últimos anos, surgiram várias tendências que foram (ou tentaram ser) incorporadas na prática pedagógica concreta da Educação Física, como a abordagem desenvolvimentista, a crítico-superadora, a crítico-emancipadora, a construtivista, a psicomotora, entre outras. No entanto, apesar de algumas sensíveis transformações fazerem-se presentes nas aulas ministradas nas escolas (RAMALHO, 2000), apoiando-se numa dessas propostas citadas ou mesmo em outras, mas que vinham conseguindo um distanciamento dessa “tendência desportiva” discutida por BRACHT (1989), a qual era (é?!) dominante e altamente criticada, parece ocorrer, hoje, a possibilidade de um retorno a tal modelo de Educação Física escolar, devido ao desejo (necessidade?) da busca de novos talentos esportivos, o que pode levar ao provável esquecimento do caráter educativo das atividades motoras não vinculadas ao rendimento esportivo, uma vez, que elas não priorizam a seleção atlética. Como o “Plano para o Esporte do Brasil” de iniciativa popular ou o programa “Esporte na Escola” do governo federal.

Assim, este artigo busca comentar, rapidamente, alguns dos vários elementos que se ligam ao esporte – no caso, o alto rendimento, a saúde, o lazer e a educação – e, então, discutir a necessidade de se avaliar o papel desejado e o papel que pode vir a ser imposto ao esporte, enquanto

conteúdo da educação física escolar. Qual modelo de esporte desejamos para a escola?

1.1 Rendimento

Desse tipo de prática esportiva, destacamos duas características importantes: a alta performance e o produto mercadológico.

O esporte de alta performance está diretamente relacionado com o rendimento máximo do atleta. Seu principal aspecto negativo, além do ser humano ser considerado um objeto é a relação com o doping. No Brasil, o uso das substâncias proibidas e danosas à saúde ganhou evidência pelo flagrante de Ben Johnson, atleta canadense que vencera os 100 metros rasos na Olimpíada de Seul, mas depois, teve seus resultados caçados e sua carreira interrompida. Com a “abertura dos arquivos” na ex-Alemanha Oriental, pode-se constatar que a produção de atletas tinha grande relação com o doping (KUNZ, 2000). Aliás, o doping não está só no contexto do esporte de alta performance, também está sendo “usado como auxiliar no desenvolvimento da estética corporal especialmente em academias de musculação” (KUNZ, 2000, p.50). Os atletas ainda vivem com o medo de contusões que impossibilitem a continuação de suas carreiras, a qual é curta. Quando ela acaba, muitas vezes ficam em situações difíceis, social e economicamente, pois não possuem formação ou oportunidade para fazer outra coisa que não seja apenas praticar algum determinado esporte, e nem todos são astros reconhecidos pela mídia com altos salários.

O esporte, muitas vezes, é apenas um produto vendável, ou que serve para vender algo. Uma modalidade esportiva ganha destaque no momento em que há um mercado interessado em consumi-la, gerando um grande círculo vicioso de produção e consumo que envolve: o espetáculo – a mídia – o consumo (do espetáculo e/ou de produtos esportivos ou a ele vinculados).

O esporte de rendimento torna-se um produto e também num meio de estimular o consumo das pessoas que são “apaixonadas” por esporte e/ou que praticam uma atividade física por lazer, como prática saudável ou em busca de melhoria estética do corpo.

1.2 Saúde

Há um consenso quanto ao fato do esporte ou da atividade física colaborar para a saúde. HOBOLD (1999, p.80) refere que:

“É extremamente necessário que as pessoas se preocupem com a sua saúde, e esta preocupação deve ocorrer antes de apresentarem um corpo doente, adquirindo hábitos e ações que afastem do organismo, todo e qualquer aspecto de risco que possa vir colocá-lo diante de um sistema orgânico deficitário”.

A atividade física pode melhorar a condição de vida do indivíduo que a pratica e também pode ajudar na recuperação de pessoas debilitadas. Mas devemos estar atentos à forma que é praticada, pois é preciso respeitar as capacidades fisiológicas de cada indivíduo.

O tabagismo e o consumo de álcool podem levar ao mau funcionamento do corpo, sendo que o esporte tem uma função curativa, fazendo o indivíduo se desintoxicar, acarretando uma melhora na qualidade de vida (MADUREIRA e MADUREIRA, 2000). A prática da atividade física planejada ajuda a ter uma melhora na resistência e na força. Um exemplo disso é a musculação, embora seja procurada por pessoas que buscam, como fator principal, a melhora da estética do corpo.

1.3 Lazer

O esporte, enquanto lazer, prioriza a sociabilização entre as pessoas. O indivíduo o pratica, não para a competição, mas sim como busca de auto controle, fugir do estresse, etc. Para um desenvolvimento pessoal.

O lazer relacionado ao esporte é uma prática que tem grande papel na busca de amizades, do bem estar, etc. Mas também pode trazer uma parcela de preconceito, pelo fato do indivíduo ser menos habilidoso, por não ser “atletico” ou possuir alguma deficiência, etc. Se levarmos em consideração que vivemos numa sociedade que valoriza a corpolatria – que é o culto ao corpo –, o “diferente” do grupo quase sempre vai ser deixado de lado, ou ele mesmo não participa porque se acha sem condições. Fato perceptível quando se é o último a ser colocado na atividade ou posto em algum local ou função que ninguém do resto do grupo deseja (CODD e SENNE, 1993).

1.4 Educação

A Educação Física tem por objetivo, ser um espaço para novas experiências motoras, em que se inclui o esporte como meio de criação

e vivência de novos movimentos. O problema, na escola, é o modo que o esporte é praticado. É necessário separar o momento da aula de Educação Física do treinamento esportivo, para que a aula não perca seu objetivo e sua função pedagógica, e busque a criação de experiências motoras significativas para o praticante, tornando-se uma prática formativa que valorize o indivíduo em todas as suas dimensões.

É no treinamento da equipe escolar que deve ser cobrado o rendimento, mas respeitando as características do aluno-atleta. Pois o excesso de trabalho físico e a especialização precoce podem trazer problemas para a criança, como KUNZ (2000, p.50) advoga:

“Formação escolar deficiente, devido à grande exigência em acompanhar com êxito a carreira esportiva; unilateralização de um desenvolvimento que deveria ser plural; reduzida a participação em atividades, brincadeiras e jogos do mundo infantil, indispensável para o desenvolvimento da personalidade na infância”.

Assim, a busca do esporte na aula de Educação Física, por se tratar de educação, não deveria ser a busca do atleta, mas a busca do conhecimento do corpo e de suas possibilidades de movimento, relacionado ao esporte e o próprio saber sobre outros componentes da nossa cultura corporal.

2. Uma perspectiva para educação física na escola

Com o passar do tempo, novas teorias materializaram-se em práticas concretas. A Educação Física se tornou uma disciplina valorizada na escola, fazendo com que as aulas não sejam apenas dedicadas ao esporte e à busca do talento esportivo, mas sim criativas e saudáveis, respeitando as características dos alunos e enfocando um trabalho amplo com os muitos elementos da cultura corporal.

RAMALHO (2000, p.18) constatou que “renovar o jeito de ensinar não significa abandonar os esportes tradicionais. A saída é utilizar esse interesse para acrescentar objetivos à prática desportiva”. Busca-se fazer com que o aluno aprenda sobre a história do esporte, discuta suas regras e estratégias, bem como, o seu comportamento e o de seus colegas. Alberto de Souza, em entrevista para RAMALHO (2000, p.19), comenta que seu “papel é usar algo com o qual eles já têm intimidade para passar um conteúdo pedagógico”.

O uso de elementos da cultura regional na aula também é uma forma de cativar os alunos que não gostam da prática esportiva, mas gostam de se movimentar e de brincar, como: a capoeira, as danças, brincadeiras regionais. Ao se escolher uma temática para a aula, é interessante que ela seja motivante para o grupo de alunos. Isso pode, ainda, colaborar para a aproximação de outras disciplinas para discussões sobre o esporte e atividade física. Além disso, ao assumir o mesmo *status* de outras áreas, a inclusão de pessoas portadoras de deficiências torna-se uma realidade e um desafio que valoriza a ação de uma prática humanista em oposição à já citada tendência desportiva.

O novo profissional deve estar aberto às novas mudanças, valorizar a participação de todos no planejamento da aula – fazendo uma aula mais democrática – e possuindo conhecimentos que lhe permitam adequar conteúdos e atividades à realidade dos grupos com que trabalhe. Como escreve RAMALHO (2000, p.23), “não bastam uma bola e um apito. O novo profissional deve ser ativo, empenhado, sempre se atualizando e prestando atenção ao desenvolvimento da turma”.

3. Planos e projetos para o esporte e as aulas de educação física

Com as Olimpíadas de Sydney, em 2000, o que se constatou sobre a nossa realidade esportiva não foi tido como algo de bom nível. Esperava-se um desempenho melhor. Para Henrique Nicolini o que falta para o país, é uma política esportiva (CANAVÓ e GENNARI, 2001). Segundo ele, “é necessário um plano de ação, com medidas práticas e administrativas, capaz de colocar o Brasil mais perto dos países com os melhores índices em competições internacionais” (p.16). Ele enfatiza, que o plano deve abranger as escolas, universidades, associações, federações e corporações.

Para isso, ele e seus colaboradores idealizaram o “Plano para o Esporte do Brasil”. Nesse plano a base é na escola, no ensino fundamental e médio, “que precisam resgatar a Educação Física, dando a ela, novamente, seu lugar de destaque. Porém, essa retomada só será possível se as escolas aumentarem o número de aulas de Educação Física” (idem, p.16) e incentivar campeonatos internos na escola, a participação jogos inter-escolares e concentrar esforços para o ensino de várias modalidades esportivas.

Henrique Nicolini acredita que, se tal plano for executado, “irá

ocupar o tempo livre de um número de jovens que já estão se beneficiando de todas as vantagens inerentes ao esporte” (idem, p.16), como o não uso de drogas e a diminuição da criminalidade. Tal plano, assemelha-se em muito, com o programa “Esporte na Escola” do governo federal, tanto em sua estrutura como em suas metas.

4. Considerações finais

Devemos analisar de forma distinta o esporte dentro da escola do esporte dentro da aula de Educação Física.

O esporte na aula de Educação Física tem um cunho educativo, pois “Educação Física é Educação” (grifo nosso), como afirma OLIVEIRA (1983, p.106). Já, fora da aula, mas, ainda na escola, deve-se respeitar as possibilidades do aluno-atleta, não sendo retirada a idéia educacional.

A função do professor, na aula, é desenvolver as habilidades básicas variadas que façam “com que as crianças sejam conscientes dos valores de uma boa condição física e de seu valor recreativo por toda vida” (LIMA, 2000, p.35).

A aula de Educação Física pode ser o primeiro passo, para a formação de um futuro atleta de alto rendimento. Mas, deve-se respeitar as fases da aprendizagem: a estimulação motora, em que se faz atividades variadas; a aprendizagem motora, em que há o conhecimento da atividade e aprende-se as noções básicas delas; a prática motora, em que o aluno ganha gosto pela prática de algum determinado esporte; e a especialização motora, em que se pratica, o esporte rendimento (VIEIRA, VIEIRA e KREBS, 1999).

Assim, a Educação Física dá, ao aluno, a oportunidade do praticar e conhecer para, com o tempo, poder escolher o esporte que deseja. Claro, que não é uma regra o indivíduo tornar-se um atleta, na verdade, é uma exceção.

A preocupação com a atividade esportiva na escola deveria focar as aulas de Educação Física ao invés de planos para a busca de futuros atletas na escola. Uma vez que é nas aulas que o aluno poderá tomar um contato mais profundo com as atividades motoras e suas muitas formas de manifestações, sua relação com a saúde, seus valores vinculados ao lazer e, também, descobrir sobre suas potencialidades para o esporte de rendimento.

A aula prioriza a formação do cidadão, o conhecimento sobre os

temas corporais, a melhoria na qualidade de vida. Tais aspectos incentivam a participação em equipes de competição e o envolvimento com a prática desportiva, podendo colaborar para a formação de atletas de alto nível. Sua ação busca ser abrangente, no que se refere às potencialidades e dimensões do ser humano – cognição, afetividade, motricidade –, e inclusiva, uma vez que busca atingir a todos os alunos; já os planos esportivos, possuem, a princípio, como prioridade, a detecção e a seleção de possíveis talentos atléticos, o que a faz específica e excludente.

Finalizando, o profissional da área deve ter clara consciência da diferença de papel existente entre a aula de Educação Física e o treinamento da equipe da escola, fazendo, dessa forma, o aluno da aula e não o atleta da aula, colocando as questões de BRACHT (1989) em seu devido lugar, assim como, todos os profissionais da área da Educação Física Escolar que querem uma aula como espaço de educação e o treinamento como espaço de desenvolvimento e especialização de potencialidades para o desempenho competitivo, que também tem a função educacional, e de entendimento do ser humano.

Referências bibliográficas

- BRACHT, V. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. *Revista de Educação Física*, n.0, p.28-33, 1989.
- CANAVÓ, A.; GENNARI, C. Plano para o esporte do Brasil. *Informe Phorte*, v.3, n.9, p.16-7, 2001.
- CODO, W.; SENNE, W.A. *O que é corpo(latria)*. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- HOBOLD, E. Relação exercício físico e saúde: um estudo de caso. *Caderno de Educação Física: estudos e reflexões*, v.1, n.1, p.80-90, 1999.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 3ed. Ijuí: Unijuí, 2000.
- LIMA, D.F. *Treinamento precoce e intenso em crianças e adolescentes*. Belo Horizonte: Health, 2000.
- MADUREIRA, A.S.; MADUREIRA, J.M. Prescrição do exercício físico e combate ao estresse - 2º parte. *Caderno de Educação Física: estudos e reflexões*, v.1, n.2, p.67-85, 2000.
- OLIVEIRA, V.M. *O que é Educação Física*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

- RAMALHO, P. Renovação nas quadras. Nova Escola, n.8, p.17-23, 2000.
- SANTIN, S. Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: EST/ESEF. 1994.
- VIEIRA, L.F.; VIEIRA, J.L.L.; KREBS, R.J. A trajetória de desenvolvimento de um talento esportivo: estudo de caso. Kinesis, n.21, p.47-55, 1999.